

Edição

5

Anos!!!

Porandubas

"porã' duba; pergunta, notícia"

Mande
Cartas!



45

Jornal da Comunidade Univeritária - PUCSP Ano VI/ MARÇO 1982 - Sala de Comunicação



Foto Nair Benedicto AF 4

D. Hélder: Nosso Doutor

(p. 2)

Dom Hélder!

foto Nair Benedicto AF 4



4 de março, 20 horas. Começava uma grande noite, com o TUCA repleto, gente ocupando todos os espaços. Vinham de ônibus desde as periferias, de carro os que moravam mais perto, ou a pé mesmo, saindo das salas de aula. Não faltou quem viesse de avião: eram os representantes das Igrejas dos Estados Unidos, Canadá, França, Bélgica, Costa Rica e Tanzânia. Na platéia, democraticamente, misturavam-se professores, favelados, estudantes, gente de Igreja, anistiados e até representantes das autoridades (que não receberam exatamente uma acolhida entusiástica...)

No palco, D. Paulo Evaristo, a Reitoria, Bispos de S. Paulo, d^a Maria José da V. Brasilândia e membros do Conselho Universitário. Ao centro, seráfico, sereno, emergindo oficialmente do ostracismo que lhe foi imposto, o Doutor Hélder Câmara, doutor em fraternidade, aprovado pelo povo e sancionado pela PUC.

Frenéticos, atentos aos mínimos gestos, fotógrafos e cinegrafistas procuravam tirar a forra à censura que durante mais de uma década fez de D. Hélder uma "não-pessoa". Jovens seminaristas aqueceram o ambiente puxando cantos de resistência, em que se falava de povo, sindicato, Jesus Cristo, em que se rimava patrão e libertação.

Dr. Aquino lê os termos do diploma, elaborado por Madre M^a Tereza, filha de Alceu de Amoroso Lima — o outro Doutor Honoris Causa pela PUC — e a seguir a Reitora dá a palavra ao Prof. Flávio Di Giorgi que, solene e emocionado, faz o discurso de homenagem.

ABRIDOR DE CAMINHOS

Flávio ressaltou que aquela festa por D. Hélder representava um "público comprometimento da PUC nas linhas de seus ensinamentos pela palavra e pelo testemunho".

A seguir, lembrou "as barreiras psicológicas, sociais, culturais e as cordilheiras econômicas e ideológicas" que levam à opressão e à injustiça. No mundo capitalista, minorias cada vez mais ricas distanciam-se da "imensa multidão cada vez mais pobre"; por outro lado, as primeiras experiências do socialismo real esbarram "na fraca participação popular" estagnada na burocratização.

Num quadro de "horrores sucessivos" composto pela guerra fria e "a estocagem suicida de armas", a Igreja em parte "foi conivente com as estruturas de opressão" mas também produziu "o melhor sal, o melhor fermento", que sofreu a perseguição "do Rei, o Rico, o Fariseu". D. Hélder foi um daqueles que se tornou um dentre os pobres e por isso foi oprimido, tendo seu nome censurado: "queriam transformá-lo numa não-pessoa".

O prof. Flávio lembrou a ação fecunda de D. Hélder à Frente de Ação

Católica, da Cruzada São Sebastião e sobretudo ao fundar a CNBB. Homem de diálogo sem barreiras ideológicas e de ecumenismo, D. Hélder contribuiu para "a fantástica renovação que foi o Concílio Vaticano II" e para a "floração de Medellín e os frutos de Puebla".

E finaliza: "não há um pobre, um oprimido ou um homem qualquer que de fato o tenha conhecido, que no fundo de sua alma, não o chame de IRMÃO".

A FLOR DA PAZ

Dona Maria José Pereira de Lacerda, representou a periferia. Falando sem ler no papel, vibrante com seu sotaque nordestino, ela criou forte empatia. Mais tarde, em seu discurso, D. Hélder sugeriu matreiramente também para ela o título de "Doutora Honoris Causa". Maria José, sob aplausos entregou uma rosa branca — símbolo da paz — a um guarda da segurança, gesto que gostaria de repetir a todos os guardas e policiais.

Maria José deu seu testemunho de favelada "com muito orgulho". Defendeu o direito de o favelado ser reconhecido como gente e "de ter um barraco de bloco e não de madeira. Favelado

não é marginal: gostaria que os estudantes fossem na favela para conferir. O povo não quer se apossar da terra da Prefeitura, mas Deus não deixou título de terra para ninguém. A terra é para dividir entre todos". E aproveitou para cobrar das autoridades: "o Prefeito diz que favelado não tem direito a esgoto porque não paga imposto. Não é verdade porque até cigarro, ônibus, tem imposto no preço!".

É DOUTOR! É DOUTOR!

Bem, quando D. Hélder foi falar, platéia já estava em estado de graça. Ressaltou que não sentia este título como mais uma homenagem pois era 1º doutorado concedido no Brasil, nesta S. Paulo "carregada de problemas apaixonantes", numa instituição que "além de ser o que é, tem ligação direta com D. Paulo Evaristo Arns". A essa altura, já se ouvia o coro de "ELE MERECE! ELE MERECE".

D. Hélder abandonou o papel para um parêntese, em que contou como recebeu o 1º título de doutor, no Engenho Novo, subúrbio do Rio. Ainda padre jovem, falou inflamadamente ao povo, estava uma labareda. O líder do grupo então agradeceu ao "Padre Dom

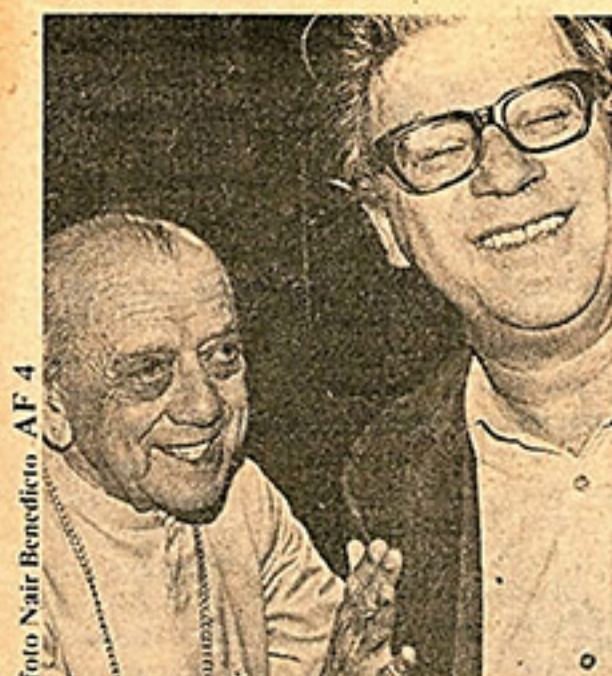


Foto Nair Benedicto - AF 4
Flávio Di Giorgi: o intelectual redimido.

tor Hélder Câmara", ao que ele esclareceu que não era doutor. Então, levantou-se um crioulo e puxou o coro, seguido pela sala inteira: "É DOUTOR! É DOUTOR!"

A seguir, fez uma reflexão sobre o privilégio e a angústia de ser universitário. Num país em que chegar à escola primária já é um privilégio, imagine-se completar o 2º grau... Diante do terrível desafio do vestibular, já se tem "um banho de individualismo, de egoísmo, de falência de camaradagem...". Quando entra na Universidade, o jovem se ressentido de sua pobre preparação, além das dificuldades de se sustentar dentro dela. Logo sente que "a grande decepção é não encontrar na Universidade o estudo sério e sem medo dos grandes problemas do nosso País". Ao se formar, descobre-se que o "diploma universitário muitas vezes está longe de ser garantia de emprego na linha do Curso seguido".

Mas D. Hélder reafirma sua esperança no jovem universitário e o convoca a servir ao nosso Povo em sua luta para "ser ouvido e ter o direito de apresentar sugestões e votos". Este Povo que "é tratado como incapaz de pensar, de ajudar a tomar decisões".

D. Hélder elenca as humilhações do Povo, quando o Min. do Planejamento parte "para os 4 cantos da terra em busca de empréstimos para nós, sem se julgar na obrigação de prestar a menor explicação a quem vai ter que pagar a dívida". Questiona o Jari (será que os brasileiros que o assumem o fazem em nome próprio ou apenas representam Multinacionais?) e tantos outros Jaris, como o projeto Carajás. Há grande falta de respeito e atenção ao Povo no caso do INAMPS, de obras faraônicas como Itaipu, como as Centrais Nucleares. "Segurança Nacional, defende D. Hélder, deve tranquilizar o povo, não com silêncios misteriosos ou com meias-verdades, mas com o anúncio de medidas que, efetivamente, salvaguardam o Bem Comum".

Ao finalizar, pede a D. Paulo que o ajude a provar que "ao bater-no e por nossos Irmãos Oprimidos, estamos trabalhando pelo Cristo, que se identifica com quem sofre".

NÃO-ENCERRAMENTO

Ao final, D. Paulo Evaristo perguntava se era possível encerrar a cerimônia sem ouvir os 4 milhões de nordestinos que vivem em S. Paulo, sem ouvir a viúva de Santo Dias ali presente. Falavam falar todos os exilados, como Paulo de Tarso e Paulo Freire, também presentes; todos os que se expuseram e a suas famílias para ocupar o espaço de liberdade; todos os que unem os favelados; todos os Bispos, unidos na CNBB, fundada por D. Hélder. D. Paulo concluiu: "todos deviam falar. Esta deveria ser a noite da sinfonia dos que acreditam na esperança mesmo nas trevas mais densas".



foto Zanetti
A entrega do título

Biblioteca
Nadir Gouvêa Kfoury
PUC/SP



foto Nair Benedicto - AF 4
O encontro com a TV



foto Nair Benedicto - AF 4
Maria José:
a flor do povo



foto Nair Benedicto
D. Hélder, D. Paulo: a alegria da esperança

Tenho Esperança No Jovem

(entrevista especial para PORANDUBAS concedida 16/2 em Itaci)

RAZÕES DE ESPERANÇA

"Claro, acima de tudo, minha esperança vem de Deus. Não acredito que o Criador e Pai criasse o universo para divertir-se... Minha esperança está nos jovens de hoje. Ano passado, no Congresso dos Comunicadores Cristãos em Florianópolis, me atrasei por causa do mau tempo. Pois os jovens me esperaram até meia-noite e nossa conversa se estendeu até as 3 da manhã. No dia seguinte fui encontrar os jovens em Belo Horizonte. Em todo o mundo, 80% dos meus auditórios são compostos por jovens, decididos a ajudar a criar um mundo mais humano, inclusive nos EUA. Lá encontro jovens cujos irmãos foram arrancados da família, da universidade, da namorada e, metralhada na mão, enviados para o Vietnã, para matar ou morrer: muitos voltaram na droga. Os que assistiram a essas cenas, não querem um mundo em guerra. Encontramos nos jovens aliados admiráveis, neles encontro sinais para ter esperança.

Acho que a direção da PUC não me teria dado este título se soubesse que não tinha apoio de sua juventude. Vou à PUC em grande parte na doce esperança de que a decisão da Reitoria tem o aval dos estudantes".

A LONGA CENSURA

"De repente eles começaram a perceber que não era negócio atacar uma pessoa que não tinha condições de se defender porque assim fabricavam uma vítima. Então passou-se a cortar qualquer palavra de Dom Hélder Câmara e sobre Dom Hélder. O responsável pelo jornal tinha que escrever CIENTE numa ordem escrita nesse sentido, datar, e eles levavam de volta. Isto foi até que o Jornal do Brasil insistiu, eu gravei uma entrevista achando que não ia sair, mas... PÁ! Salu! Hoje já posso falar para a imprensa mas para o rádio e a televisão já é mais delicado.

Vejam vocês: o Roberto Marinho é meu afilhado da crisma e meu compadre. Durante dois anos, uma vez por mês, ele me convidava para almoçar. Certa vez eu disse: Roberto, você ainda não se convenceu de que eu não faço força nenhuma para trazê-lo para minhas convicções? Você devia fazer o mesmo... Eu tenho tantos amigos que pensam de maneira diferente, que não creem em nada, que se julgam ateus! São pessoas leais, honestas e poderíamos ser amigos nesse terreno comum, da honestidade".

POLÔNIA

"Por exemplo, dizem que D. Hélder é parcial, que não se manifesta sobre a Polônia, porque é a Rússia que está por detrás. Pois eu falei na pequena Rádio Ollinda — que é o que tenho —, na formatura da Fac. Direito do Recife. Concedi entrevista ao Jornal do Brasil e não foi publicada. Agora, o que há de terrível é que quando se ouve falar da Polônia, é preciso ficar muito atento, porque às vezes não se sabe bem se estão falando sobre a Polônia ou sobre o Brasil..."

ARTESÃOS DA PAZ

"Ano passado atribuiu-se pela 1.ª vez, em Turim, um prêmio de nome lindo: 'Artesãos da Paz'. Receberam-no o cardeal Pellegrino e o pres. Sandro Pertini, que juntaram os \$ 40 mil que couberam a cada um e ofereceram às crianças de El Salvador e do Afeganistão. Este ano, o prêmio foi atribuído a mim e à Lech Wałęsa. Estou insistindo para que eles façam a entrega o quanto antes, porque quanto mais cedo, mais se ajuda a Polónia. Das duas, uma: ou eles deixam a Wałęsa ir a Turim e será muito bom, ou eles proibem sua saída e será melhor ainda..."